

VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: COMO FATORES SOCIAIS E EMOCIONAIS AFETAM A INTERAÇÃO DOS ESTUDANTES

Sérgio Ricardo Gonçalves Figueredo ¹
Flavio Roberto Samurio Cardoso Junior ²
Luis Mikael dos Santos Santander ³
Antonia Bonorino Diatel Ribeiro ⁴
Mauren Lúcia Braga de Araujo ⁵

RESUMO

Este estudo aborda a participação de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física no contexto de uma escola da rede pública de ensino, destacando como fatores sociais, emocionais e estruturais influenciam na participação dos estudantes nas atividades. O referencial teórico-metodológico baseia-se em estudos que discutem a importância da educação física para o desenvolvimento integral do aluno, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e o engajamento dos estudantes. A metodologia aplicada incluiu questionários e entrevistas com professores e alunos, permitindo uma análise qualitativa das experiências vivenciadas nas aulas. Os principais resultados indicam que muitos alunos enfrentam desafios significativos que dificultam sua interação nas atividades propostas. Entre os fatores identificados estão a falta de interesse nas atividades, exclusão, insegurança em relação às habilidades motoras e um ambiente físico inadequado. A pesquisa revela que, frequentemente, as aulas se concentram em esportes coletivos, que por sua vez instiga a prática dos “melhores”, o que pode desestimular aqueles que não se sentem habilidosos, causando sensação de vergonha ao realizar as atividades por quicá virarem motivos de chacota. Por serem aulas no estilo antigo, envolvendo abordagens tecnicistas, se torna uma aula rígida, pouco diversificada e excludente, contribuindo para o desinteresse dos alunos durante a aula. Por fim, concluímos que a formação constante de professores associada a implementação de metodologia mais inclusivas e participativas pode melhorar a interação dos alunos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, participação, inclusão e planejamento

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, Unipampa, sergiofigueredo.aluno@unipampa.edu.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, Unipampa, flaviocardoso.aluno@unipampa.edu.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, Unipampa, luisantander.aluno@unipampa.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, Unipampa, antoniaribeiro.aluno@unipampa.edu.br;

⁵ Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Coordenadora de área do PIBID EF/UNIPAMPA, maurenaraujo@unipampa.edu.br.



INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar tem sido historicamente reconhecida como um componente curricular essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, abrangendo não apenas aspectos físicos, mas também sociais, emocionais e cognitivos (Darido, 2003). No entanto, sua efetividade depende significativamente de como as aulas são planejadas e conduzidas, considerando as diversidades e necessidades dos alunos. Nesse contexto, a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física tem sido um tema de crescente interesse na literatura acadêmica, especialmente no que se refere aos fatores que influenciam seu engajamento e interação (Bracht, 1999).

Os Anos Finais do Ensino Fundamental representam uma fase crucial no desenvolvimento dos jovens, marcada por transformações físicas, emocionais e sociais que podem impactar diretamente sua relação com as atividades propostas nas aulas de Educação Física (Paim, 2008). Nessa etapa, os estudantes estão em processo de construção de sua identidade e autoestima, o que torna fundamental que as práticas pedagógicas adotadas promovam um ambiente inclusivo e amoroso (Freire, 1996). Contudo, observa-se que, em muitas escolas, as aulas de Educação Física ainda são pautadas por modelos tradicionais, centrados em esportes coletivos e abordagens tecnicistas, que podem excluir ou desmotivar aqueles que não se identificam com tais práticas (Kunz, 1994).

A literatura tem apontado que a falta de interesse dos alunos nas aulas de Educação Física está frequentemente associada a fatores como a exclusão social, a insegurança em relação às habilidades motoras e a inadequação do ambiente físico (Gaya, 2007). Esses elementos, quando não adequadamente considerados, podem gerar sentimentos de vergonha e frustração, especialmente entre os estudantes que não se sentem competentes nas atividades propostas (Darido; Souza Júnior, 2007). Além disso, a ênfase excessiva em esportes coletivos pode reforçar hierarquias de habilidade, marginalizando aqueles que não se enquadram nos padrões de desempenho esperados (Bracht, 1999).

Outro aspecto relevante é a influência dos fatores emocionais na participação dos estudantes. A adolescência é um período marcado por intensas mudanças emocionais, e a forma como os alunos se percebem e são percebidos pelos colegas pode impactar diretamente sua disposição para participar das atividades (Paim, 2008). A sensação de ser alvo de chacota e ridicularização, por exemplo, pode levar ao afastamento das aulas, comprometendo não



apenas o desenvolvimento físico, mas também a construção de relações sociais positivas (Freire, 1996).

A estrutura física das escolas também desempenha um papel crucial na qualidade das aulas de Educação Física. A falta de espaços adequados e equipamentos em boas condições pode limitar as possibilidades de diversificação das atividades, reforçando a monotonia e o desinteresse dos alunos (Gaya, 2007). Além disso, a superlotação das turmas e a falta de recursos materiais podem dificultar a implementação de práticas pedagógicas mais inclusivas e participativas (Kunz, 1994).

Diante desses desafios, torna-se evidente a necessidade de repensar as práticas pedagógicas adotadas nas aulas de Educação Física, com foco na promoção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor (Darido, 2003). A formação continuada dos professores emerge como um elemento-chave nesse processo, capacitando-os para adotar metodologias que considerem as diversidades e necessidades dos estudantes (Bracht, 1999). A implementação de abordagens mais lúdicas e participativas, por exemplo, pode contribuir para o engajamento dos alunos, especialmente daqueles que não se identificam com os esportes tradicionais (Freire, 1996).

Nesse sentido, este estudo busca investigar como fatores sociais, emocionais e estruturais influenciam a participação dos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física, com base em uma escola da rede pública de ensino. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando questionários e entrevistas com professores e alunos, para compreender as experiências vivenciadas nas aulas e identificar os principais desafios enfrentados pelos estudantes (Gaya, 2007).

A relevância deste estudo reside na possibilidade de contribuir para a reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas nas aulas de Educação Física, destacando a importância de metodologias mais inclusivas e participativas (Darido; Souza Júnior, 2007). Ao identificar os fatores que dificultam a interação dos estudantes, espera-se fornecer subsídios para a elaboração de estratégias que promovam um maior engajamento e interesse nas atividades propostas (Kunz, 1994).

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, utilizando questionários como principal instrumento de coleta de informações. Para garantir a validade dos questionários, realizou-se um pré-teste com um grupo de 20 alunos, ajustando as



perguntas conforme o feedback recebido. A seleção dos participantes foi feita de forma intencional, buscando uma amostra equilibrada em termos de gênero e série escolar, conforme recomendado por Flick (2009).

Foram aplicados questionários a 6 turmas do Ensino Fundamental, totalizando 134 alunos, com uma divisão equilibrada de 67 meninos e 67 meninas. A escolha por uma amostra equilibrada em termos de sexo foi intencional, visando a uma análise comparativa das respostas entre os grupos, considerando possíveis diferenças de percepção e participação. As turmas selecionadas pertencem a diferentes séries (do 6º ao 9º), o que permitiu abranger uma variedade de idades e níveis de desenvolvimento motor e cognitivo.

As perguntas dos questionários foram elaboradas com base em estudos anteriores sobre a Educação Física escolar, como os trabalhos de Darido (2003) e as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação (Brasil, 2017). O questionário foi aplicado em sala de aula com o apoio da professora responsável, garantindo-se o anonimato das respostas para evitar viés e assegurar a liberdade de expressão dos alunos. O tempo médio de preenchimento foi de 20 minutos, permitindo que os estudantes respondessem de forma reflexiva e detalhada.

A análise dos dados foi realizada por meio de técnicas de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), que permite a categorização das respostas em eixos temáticos, como “percepção sobre as aulas” e “materiais e infraestrutura”. Para garantir a confiabilidade dos resultados, utilizou-se a triangulação de dados, comparando as respostas dos alunos com as observações da professora e a análise dos materiais disponíveis. A triangulação foi adotada como estratégia metodológica para validar os achados, conforme sugerido por Flick (2009), assegurando maior robustez e consistência aos resultados obtidos.

A combinação desses procedimentos metodológicos permitiu uma análise aprofundada das percepções e experiências dos alunos em relação às aulas de Educação Física, bem como a identificação dos principais desafios enfrentados no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo está alicerçado nas contribuições de autores fundamentais para a educação, como Paulo Freire e Lev Vygotsky, cujas obras oferecem bases sólidas para a compreensão de processos educativos inclusivos e democráticos. Paulo Freire, em sua pedagogia crítica, defende uma educação libertadora, que ultrapasse a mera transmissão de conhecimento e promova a conscientização, a autonomia e a participação ativa dos educandos. Para Freire, a educação deve ser um ato político e dialógico, no qual



professores e alunos colaboram na construção do saber, respeitando a diversidade e as experiências de vida de cada indivíduo. Essa perspectiva é especialmente relevante para a educação Física, que, como disciplina escolar, deve transcender a prática esportiva e técnica, assumindo um papel formativo que valorize a inclusão, a cooperação e o respeito às diferenças.

Já Lev Vygotsky com sua teoria histórico-cultural, enfatiza a importância das interações sociais e do contexto cultural no processo de aprendizagem. Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da mediação entre indivíduos e seu ambiente, descartando o papel do professor como facilitador e dos colegas como agentes de aprendizagem colaborativa. Na Educação Física, essa abordagem sugere que as atividades devem ser planejadas de modo a estimular a interação entre os alunos, criando situações em que os mais experientes possam auxiliar os menos habilidosos, promovendo, assim, um ambiente de aprendizagem mútua e inclusiva.

A educação Física, enquanto componente curricular, tem um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, abrangendo não apenas aspectos motores, mas também sociais, emocionais e cognitivos. Autores como Darido (2004) e Bracht (1999) destacam que a educação física escolar deve transcender a mera prática esportiva, assumindo um caráter formativo que promova a inclusão, a cooperação e o respeito às diferenças. No entanto, estudos recentes (Brasil, 2017; Kunz, 1994) apontam que a falta de materiais adequados, a infraestrutura precária e a insegurança dos alunos em relação às suas habilidades são desafios recorrentes que comprometem a efetividade das aulas.

Paulo Freire (1987), em sua pedagogia crítica, defende uma educação libertadora, que ultrapasse a transmissão de conhecimentos técnicos e promova a conscientização e a autonomia dos educandos. Para Freire, a educação deve ser um ato político e dialógico, no qual professores e alunos colaboram na construção do saber, respeitando a diversidade e as experiências de vida de cada indivíduo. Essa perspectiva é especialmente relevante para a Educação Física, que deve ser um espaço de inclusão e participação ativa.

Já Lev Vygotsky (1998), com sua teoria histórico-cultural, enfatiza a importância das interações sociais e do contexto cultural no processo de aprendizagem. Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da mediação entre indivíduos e seu ambiente, destacando o papel do professor como facilitador e dos colegas como agentes de aprendizagem colaborativa. Na Educação Física, essa abordagem sugere que as atividades devem ser planejadas de modo a estimular a interação entre os estudantes, criando situações



em que os mais experientes possam auxiliar os menos habilitados, promovendo, assim, um ambiente de aprendizagem mútua e inclusiva.

Além das contribuições de Paulo Freire e Vygotsky, é importante destacar os estudos de Sasaki (2003), que abordam a inclusão como um processo de construção de uma sociedade para todos, e de Bracht (1999), que discute a necessidade de superar a visão tecnicista da educação física, promovendo práticas mais inclusivas e democráticas. Recentemente, autores como Castilho (2020) e Gomes (2019) têm enfatizado a importância de práticas pedagógicas adaptadas e a formação continuada de professores para lidar com a diversidade em sala de aula. Esses estudos reforçam a necessidade de repensar as práticas tradicionais de educação física, que muitas vezes privilegiam a competição em detrimento da cooperação e da inclusão.

A diversificação de atividades, como jogos cooperativos, práticas corporais alternativas e exercícios adaptados, pode contribuir para que todos os alunos se sintam motivados e capazes de participar independente do seu nível de habilidade. A criação de um ambiente escolar acolhedor e seguro, onde os alunos se sintam respeitados e valorizados, é igualmente crucial para o sucesso das práticas inclusivas.

Nesse contexto, a Educação Física não deve ser vista apenas como uma disciplina voltada para o desenvolvimento de habilidades motoras, mas como um espaço de formação integral, que contribui para o desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo dos estudantes. Ao promover a inclusão, a cooperação e o respeito às diferenças, a Educação Física pode desempenhar um papel transformador na vida dos alunos, ajudando-os a construir uma autoimagem positiva e a desenvolver habilidades socioemocionais essenciais para a convivência em sociedade.

Por fim, é importante destacar que a inclusão na Educação Física não limita a adaptação de atividades ou a superação de barreiras físicas. Ela envolve também a desconstrução de estereótipos e preconceitos, a promoção da equidade e o reconhecimento de que todos os alunos têm o direito de participar e se beneficiar das práticas educativas. Nesse sentido, a escola como instituição social, tem a responsabilidade de garantir que suas práticas pedagógicas ministradas por docentes estejam alinhadas com os princípios da educação inclusiva, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos foram questionados sobre como descreveriam suas aulas de Educação Física, o que mais gostavam nelas e o que consideravam que poderia ser melhorado. As respostas revelaram uma diversidade de opiniões, com alguns alunos destacando o aspecto lúdico e descontraído das aulas, enquanto outros apontaram a necessidade de maior variedade nas atividades propostas. Cerca de 65% dos estudantes expressou apreço pelas atividades que promovem a interação social e o trabalho em equipe, mas também houve críticas em relação à repetitividade de certos exercícios e à falta de desafios que estimulem o desenvolvimento físico e cognitivo. Esses achados corroboram as observações de Darido (2003), que enfatiza a importância de práticas pedagógicas diversificadas e inclusivas para manter o interesse e o engajamento dos alunos.

No eixo temático sobre participação e inclusão, os alunos foram questionados sobre a frequência de participação nas atividades propostas, os motivos que eventualmente os levaram a não participar e como se sentiam quando não conseguiam se engajar. A análise das respostas indicou que a maioria dos alunos participa regularmente das atividades, mas cerca de 30% relataram já ter deixado de participar em algum momento, principalmente devido a questões de saúde, falta de interesse ou dificuldades físicas. Além disso, observou-se que alunos do gênero feminino tendem a relatar maior desconforto em atividades competitivas, enquanto os do gênero masculino destacam a falta de materiais como um dos principais obstáculos para sua participação. Esses relatos sublinham a importância de criar um ambiente que não apenas permite, mas também incentiva a participação de todos, independentemente de gênero, habilidade ou condição física, conforme defendido por Bracht (1999).

No contexto educacional da escola, a disponibilidade e a qualidade dos materiais e da infraestrutura são elementos fundamentais para o sucesso do processo de aprendizagem. A avaliação realizada pelos estudantes revelou uma série de desafios enfrentados nas aulas de Educação Física, que impactam diretamente a participação e o engajamento nas atividades propostas. Aproximadamente 45% dos estudantes relataram que já deixaram de participar de alguma atividade devido à falta de materiais necessários. Esse dado é preocupante, pois indica que quase metade dos estudantes está sendo privada de oportunidades de aprendizado por questões logísticas. A ausência de recursos básicos, como bolas em boa qualidade, coletes para separação das equipes ou tabelas de basquete, limita a capacidade dos estudantes de explorar plenamente os conteúdos curriculares e desenvolver habilidades práticas para a evolução motora dos mesmos, conforme apontado por Betti (1999).



Além da quantidade insuficiente, a qualidade e a variedade dos materiais disponíveis também foram apontadas pelos estudantes como problemas recorrentes. Muitos alunos destacaram que os equipamentos existentes estão desgastados pelo uso excessivo, o que torna a prática das atividades menos segura e eficaz. A infraestrutura do espaço educacional também foi alvo de críticas, com vários alunos relatando que os espaços físicos, como a quadra poliesportiva, não recebem manutenção adequada. Problemas como goteiras na quadra durante dias de chuva foram citados como fatores que dificultam o conforto e a concentração durante as aulas, além de representarem riscos à segurança dos estudantes. Esses achados reforçam a necessidade de investimentos urgentes em infraestrutura e materiais, conforme sugerido por Gaya (2007).

A combinação desses fatores – falta de materiais, equipamentos de baixa qualidade e infraestrutura irregular – tem um impacto significativo no desempenho dos estudantes. A impossibilidade de participar de atividades práticas ou de utilizar recursos adequados pode levar a uma compreensão superficial dos conteúdos, reduzindo a motivação e o interesse dos estudantes. Além disso, a falta de manutenção dos espaços físicos pode criar um ambiente de aprendizado desfavorável, afetando a produtividade e o bem-estar geral da comunidade escolar. Diante desses desafios, os estudantes sugeriram a necessidade de investimentos urgentes em materiais e infraestrutura. A modernização dos equipamentos, a aquisição de novos recursos e a manutenção da quadra poliesportiva foram apontadas como medidas essenciais para melhorar a qualidade do ensino, conforme destacado por Kunz (1994).

Os resultados deste estudo corroboram as conclusões de Darido (2003) e Bracht (1999), que destacam que a Educação Física escolar muitas vezes reforça estereótipos de competência física, marginalizando estudantes menos habilidosos. A insegurança em relação às habilidades motoras foi um dos principais motivos citados pelos alunos para a não participação nas atividades, especialmente em esportes coletivos. Esse achado reforça a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizem a diversidade e promovam a cooperação em vez da competição, conforme defendido por Freire (1996). O relato de experiência revelou que muitos alunos não participam das atividades propostas nas aulas de Educação Física devido a sentimentos de insuficiência e vergonha, o que ressalta a importância de um ambiente acolhedor e inclusivo.

A exclusão social foi identificada como um problema recorrente nas aulas de Educação Física. Muitos estudantes relataram sentir-se excluídos ou ridicularizados por não serem tão habilidosos quanto os colegas. Essa situação contribui para o desinteresse e incentiva negativamente os alunos a evitarem as aulas. De acordo com Freire (1996), a



educação deve ser um espaço de inclusão e respeito às diferenças, e a marginalização pode ter efeitos duradouros na autoestima dos estudantes, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas. Os resultados encontrados destacam a complexidade dos desafios enfrentados nas aulas de Educação Física, que vão desde questões individuais, como a insegurança dos alunos, até problemas estruturais, como a falta de materiais adequados.

A superação desses desafios exige ações em múltiplos níveis, incluindo a formação continuada de professores, o investimento em infraestrutura escolar e a adoção de abordagens pedagógicas que priorizem a inclusão e o respeito às diferenças. A pesquisa nesse relato de experiência reforça a importância de políticas públicas que garantam condições adequadas para o ensino da Educação Física, bem como a necessidade de uma reflexão crítica sobre as práticas adotadas em sala de aula, conforme defendido por Kunz (1994) e Bracht (1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu concluir que a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e participativas nas aulas de educação física é fundamental para superar os desafios identificados, tais como a insegurança dos alunos em relação às habilidades motoras, a falta de materiais adequados e a exclusão social. A implementação de metodologias que valorizem a diversificação das atividades e a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades, mostrou-se essencial para criar um ambiente escolar mais acolhedor e motivador.

Além disso, a formação constante e o apoio aos professores são elementos cruciais para lidar com os desafios cotidianos e promover a inclusão de forma afetiva. Sugere-se que as políticas públicas sejam implementadas para garantir a disponibilidade de materiais adequados e a manutenção da infraestrutura escolar, especialmente em escolas públicas. A formação continuada de professores também deve ser priorizada, com foco em práticas pedagógicas inclusivas e no uso de metodologias que promovam a cooperação e o respeito às diferenças.

Por fim, este estudo abre caminho para novas investigações no campo da educação física. Futuras pesquisas poderiam explorar, por exemplo, o impacto de metodologias inclusivas a longo prazo, a eficiência de diferentes estratégias pedagógicas em contexto socioeconômico diversos, ou ainda a relação entre a formação docente e a implementação de práticas inclusivas. A integração de tecnologias educacionais e o uso de materiais adaptados também podem ser explorados como ferramentas para promover.



REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

CASTILHO, T. **Educação Física e Inclusão: Desafios e Perspectivas**. Revista Brasileira de Educação Física Escolar, 2020.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAYA, A. C. A. **Educação Física e ciências do esporte: ciência ou ideologia?** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

GOMES, R. **Práticas Pedagógicas Inclusivas na Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2019.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

PAIM, M. C. C. **Adolescência e Educação Física: uma abordagem psicossocial**. Ijuí: Unijuí, 2008.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.





IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
II RPS SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica
II ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

